
Repórter-amador: um estudo sobre o cidadão que produz notícia no Agreste de Pernambuco¹

Sheila Borges de OLIVEIRA²

Letícia Maria de Souza SILVA³

Rayanne Elisa da Silva SANTOS⁴

Valderiza da Silva PEREIRA⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Este artigo apresenta a primeira fase de uma pesquisa, realizada pelo Observatório da Vida-Agreste, que investiga as motivações que levam o cidadão, sem formação especializada em comunicação, a produzir notícia em espaços criados na internet para exercer a sua cidadania. Consideramos que esse ator é um repórter-amador por realizar três movimentos: consumir informação, interagir com os veículos de comunicação e criar um espaço para escrever notícia à revelia da grande imprensa. Na primeira fase, mapeamos o morador do Agreste que tem blogs ou espaços nas redes sociais. Depois, aplicamos questionários para conhecer o perfil socioeconômico de quem aceitou participar da pesquisa. Nessa fase exploratória, descobrimos que a maioria é composta por homens, solteiros, jovens, que tem trabalho formal e possui renda de até três salários mínimos. Ele busca ganhar dinheiro como repórter-amador e gostaria de ser reconhecido como jornalista. Na segunda fase, realizaremos entrevistas em profundidade.

PALAVRAS-CHAVE: repórter-amador; jornalismo; notícia; cidadania; desenvolvimento regional e local.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade interligada em rede, basta o indivíduo ter um computador ou qualquer outra plataforma móvel conectada à internet para navegar livremente e interagir com os veículos de comunicação, remetendo mensagens de textos ou imagens. Além de colaborar com os jornalistas, parte desses indivíduos está criando espaços

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, e-mail: sheilaborges12@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, e-mail: leticiamaria_s_s@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, e-mail: elisayanne@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, e-mail: valderizah@hotmail.com

virtuais nos quais ela mesma escreve a notícia, sem se submeter aos filtros de edição das redações das empresas de comunicação.

Nesse contexto, a prática do cidadão comum que quer produzir a própria notícia tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora da chamada grande imprensa. Esse mundo social é fechado, quase inacessível, e esses indivíduos, que têm um papel mais participativo e provocador, estão contribuindo para quebrar regras, como as da concepção das notícias, e trazer mudanças estruturais ao campo do jornalismo.

Por tudo isso, o campo da comunicação está sendo desafiado a aprofundar os seus estudos no sentido de identificar as disposições sociais que o cidadão deflagra com mais força quando é impulsionado a pensar, sentir e agir para realizar determinadas ações sociais, como a que estamos focando: a de produzir notícia.

Com o ingresso do indivíduo no processo de produção da matéria jornalística nos grandes veículos, a notícia estaria em estado de permanente construção. Antes da veiculação, o ator pode enviar informações para colaborar com o jornalista. Depois, teria condições de comentar e repercutir a notícia, ampliando a sua capacidade de penetração na sociedade para concordar ou não com a forma e o conteúdo veiculado pela imprensa. Assim, exerce mais ativamente o seu papel de cidadão, que busca o direito de acesso à informação. Ao discordar do enfoque noticioso da imprensa, esse mesmo cidadão pode criar um espaço próprio para produzir e emitir a notícia a partir de sua formação cultural, prática realizada pelo ator que chamamos de repórter-amador.

Castilho (2004), contudo, chama a atenção para o conteúdo dessas notícias, já que o indivíduo que está alterando os critérios de seleção da informação não é jornalista, escreve na condição de amador. Por isso, não obedeceria aos valores e às normas que fazem parte da cultura profissional do jornalista. Mas, quando a internet quebrou a linearidade do processo de comunicação, ao integrar, em um mesmo plano, os aspectos da interatividade, da descentralização, da multilateralidade e da hipertextualidade, observou-se, segundo Miranda (2008), que as notícias estavam sendo produzidas por “pessoas comuns” que queriam dizer alguma coisa e exercer a sua cidadania.

Esse processo de comunicação em rede descentraliza o polo de produção e emissão da notícia, o que nos leva a uma revisão do conceito clássico de notícia. Ela, segundo Shirky (2008 Apud Primo 2011), não é mais uma prerrogativa da prática do jornalista, faz parte de uma ação que está dentro de um ecossistema de comunicação

mais amplo. Ou seja, nesse contexto, mesmo que o repórter-amador não seja jornalista, muito do que ele produz é notícia.

Por isso, é preciso entender como o ator, em meio às fases que surgem nos diversos processos de socialização, sente-se estimulado a desempenhar o papel de produtor da informação sem ter nenhuma formação especializada para exercer a atividade como um profissional. Em sua pesquisa de doutorado, Borges (2015) demonstrou que é o entrecruzamento de disposições específicas que levam o cidadão a se sentir motivado a produzir notícia em seus próprios espaços, criados na internet. Por meio de entrevistas em profundidade e sucessivas, identificou as disposições que, mais frequentemente, impulsionaram os entrevistados a querer ser repórteres-amadores. São elas: as disposições para as ações comunitárias, políticas, religiosas e culturais.

Antes de chegar ao estudo das disposições, no qual se reconstrói as trajetórias de vida das pessoas observadas, Borges fez, em uma primeira fase, um mapeamento socioeconômico para definir um quadro geral dos atores, pesquisados no Recife, que estão abalando o campo do jornalismo com notícias que não obedecem aos critérios tradicionais do jornalismo. Aplicou um questionário de 123 perguntas com 20 pessoas, todas participantes de um fórum colaborativo que estava ligado a um veículo de comunicação de Recife. Depois, na segunda fase, a das entrevistas em profundidade, produziu perfis sociológicos com seis dos 20 indivíduos da primeira fase.

Como nos baseamos no estudo de Borges, fizemos, inicialmente, um mapeamento de pessoas de cidades do Agreste que têm blogs e espaços nas redes sociais, tomando o cuidado de selecionar quem não é jornalista ou comunicador. Não encontramos naquela região nenhum fórum colaborativo ligado a veículo, como Borges identificou no Recife. Observamos especialmente internautas que moram em três cidades do Agreste: Caruaru, Bezerros e Toritama. São nessas localidades que residem as estudantes que atuam voluntariamente na pesquisa, vinculada ao Observatório da Vida-Agreste, laboratório do curso de Comunicação Social, do Centro Acadêmico do Agreste, campus da Universidade Federal de Pernambuco em Caruaru.

Apesar do número cada vez maior de cidadãos que usam blogs e espaços nas redes sociais para opinar e produzir notícia, observamos que, nas cidades acima citadas, só um grupo desses atores faz uso dessas ferramentas com regularidade. Diante da dificuldade de interagir com eles, já que nem todos retornavam os contatos realizados, selecionamos nove atores que concordaram em participar da pesquisa. Os dados dessa

primeira fase, que trazem o perfil socioeconômico do grupo, serão expostos na parte da análise deste artigo. Antes, porém, vamos apresentar o contexto no qual a pesquisa está sendo elaborada, assim como os aportes teórico e metodológico, que se baseiam no programa de uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (2002; 2004; 2006; 2010).

O CONTEXTO DA PESQUISA

O que faz um indivíduo querer interagir com a imprensa para participar do processo de produção da notícia? No cotidiano dos veículos de comunicação, o repórter para produzir um texto jornalístico precisa buscar fontes e ouvir opiniões diversas, pelo menos é o que se espera desse profissional. Essa rotina revela o que já se percebe do lado de fora das redações: a produção da notícia é feita de versões. A realidade, editada por jornais, revistas, rádios, televisões e, mais recentemente, pelo jornalismo digital, é construída e enquadrada de forma subjetiva, a partir do lugar de fala de uma série de atores: do repórter, do editor, do dono do veículo e das fontes de informação.

Nesse complexo sistema de produção da notícia, a versão do indivíduo que procura o jornalista na posição de simples consumidor da notícia, alçado eventualmente a personagem das histórias que a mídia conta, é de uma forma geral menos valorizada do que a do especialista. Isso ocorre porque o jornalista internaliza e hierarquiza valores dados pelas empresas de comunicação e criados pela cultura profissional, transmitidos como se houvesse uma naturalização do fazer jornalístico.

Mesmo diante desse cenário adverso, esse cidadão, que não é *expert* em um determinado tema nem fonte oficial, não se contenta em ficar exercendo estritamente o papel de consumidor de informação. Quer exercer a sua cidadania de forma mais ativa, agindo para democratizar o acesso à informação. Diferentemente do que faz uma parte da audiência dos conglomerados de comunicação, ele procura dialogar com as redações. Essa interação, facilitada pela popularização do uso do computador e do acesso à internet, já existia quando a sociedade não era interligada em rede.

Percebe-se que essa prática foi ampliada com a informatização dos veículos de comunicação e, conseqüentemente, com a abertura de canais de interação entre a redação e o cidadão. No mundo virtual, o indivíduo pode ter acesso direto às fontes de informações, muitas vezes de forma gratuita, driblando a mediação da imprensa, mas é essa função que os veículos querem preservar e valorizar. Além de colaborar com os

jornalistas, parte desses indivíduos está criando espaços virtuais nos quais ela mesma escreve a notícia, sem se submeter ao processo de edição das redações.

Por meio do Observatório, esta pesquisa quer identificar o cidadão que está furando o bloqueio imposto pela grande imprensa ao procurar espaços nas mídias digitais para criar a notícia, quebrando o poder de monopólio da informação por parte da imprensa tradicional. Ao mapear esses cidadãos do Agreste, iniciando por moradores de Caruaru, Bezerros e Toritama, iremos reconstruir a trajetória de vida deles para avaliar quais são as motivações que, mais frequentemente, os levavam a querer produzir notícia. Na primeira fase da pesquisa de campo, aplicamos questionários para coletar dados gerais de forma mais exploratória para verificar o quadro socioeconômico. O objetivo foi contextualizar o ambiente no qual esses cidadãos estão inseridos.

Na segunda fase, que já iniciamos, partimos para a etapa das entrevistas em profundidade e sucessivas. Nela, iremos reconstruir as trajetórias de alguns cidadãos para que possamos responder a pergunta central de pesquisa: quais são as disposições sociais, atualizadas a partir de fatores relacionais e contextuais, que contribuem mais frequentemente para o cidadão do Agreste querer produzir notícia?

OS ASPECTOS TEÓRICO E METODOLÓGICO

Para analisar sociologicamente as disposições desse indivíduo que desempenha o papel de repórter-amador, considerou-se a elaboração do conceito de *jogo do agir ativamente no jornalismo* (BORGES, 2015). O ator social que interage com a grande imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas, é chamado de repórter-cidadão (SBARAI, 2011; MORETZOHN, 2007). Neste caso, são coprodutores da notícia. O repórter-amador, por sua vez, vai além: é o indivíduo que não se contenta em ser apenas colaborador, tomando a iniciativa de instituir um espaço autoral para produzir notícia sem precisar se reportar aos jornalistas. A maioria deles passou a escrever e dar publicidade à própria notícia a partir das ferramentas disponibilizadas pelo mundo virtual, o que não significa que não existissem anteriormente indivíduos que tomassem essa iniciativa por meio de rádios e jornais.

É na conexão desses dois movimentos, o de colaborar e o de criar um espaço autoral sem a interferência de jornalistas, que se construiu o conceito de *jogo do agir ativamente no jornalismo*. Nele, o indivíduo procura instituir um espaço de atuação jornalística mais cidadã, mesmo que de forma amadora e voluntária. O repórter-amador

de Borges (2015) dedica à prática do fazer notícia o tempo livre e de lazer. Ele tem uma ambivalência, um jogo de cintura que o faz ir de um ponto a outro, sem ficar retido ao campo profissional do jornalismo. Entra e sai dele, porque não tem obrigações com horários, linguagens ou metodologias da cultura profissional, mesmo que os percebam intuitivamente. Isso não reduz o seu papel mais ativo para dar voz à pluralidade de opiniões da sociedade nem a sua capacidade de intervenção no campo jornalístico.

Nesta pesquisa no Agreste, já é possível avançar, mesmo na primeira fase, às conclusões de Borges, uma vez que, agora, pelo que percebemos, os repórteres-amadores já começam a ganhar dinheiro com esse ofício, mesmo que ele não seja prioritário, para alguns, no sentido de atividade que eles têm para ganhar a vida. Esse ator tem assumido um papel de protagonista a partir da abertura de novas formas de comunicação surgidas com a internet. Ele faz parte de um fenômeno social que tem ganhado relevância pública porque está despertando o interesse de pesquisadores, que se mobilizam para compreendê-lo. Os estudos sobre os efeitos que esse fenômeno provoca no jornalismo e na comunicação, porém, têm priorizado os aspectos relativos à recepção da notícia e às alterações nos discursos, nos gêneros jornalísticos e nas estruturas organizacionais das empresas.

Por isso, é necessário se mudar o foco e aproximar o olhar do pesquisador dos universos de socialização dos cidadãos que não são especialistas nem integram o campo profissional do jornalismo, uma vez que, na chamada grande imprensa, ainda é preciso, para se ter a senha de acesso ao campo, a formação universitária. Eles, porém, acionam esquemas disposicionais que os motivam a querer realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo, podendo vir a desestabilizar as regras construídas e arraigadas do campo.

A tradição da sociologia disposicionalista vai dar conta de nosso objeto de pesquisa, mostrando-nos um caminho no qual poderemos perceber as variações inter e intraindividuais e como elas se manifestam em cada ator selecionado. Utilizaremos como aporte teórico o programa para uma sociologia à escala do indivíduo de Lahire (2002; 2004; 2006; 2010). Ele nos dará as condições para analisar como o ator é resultado de uma mistura social de tendências variadas, incorporadas e externalizadas de forma singular. E nos ajudará a entender como a diversidade das experiências socializadoras pode ser absorvida de maneira distinta por cada um dos cidadãos.

A disposição é uma força interna, introjetada no indivíduo por meio dos processos de socialização e das influências das estruturas e das relações que são

construídas nos mundos sociais. É a representação social de uma tendência, que é, ao mesmo tempo: 1) recebida pelo cidadão de forma plural (socializações), 2) retida de maneira singular e 3) externalizada em escala individual, mas que provoca mudanças em escala social. É uma força que vem do pensamento e se concretiza na ação, que é individual e plural. Para Lahire, a disposição se revela pelas ações.

Para ter acesso à disposição, a teoria disposicionalista vai buscar reconstruir uma realidade como ela é observada indiretamente. É um trabalho de interpretação de comportamentos e opiniões, que desvenda os princípios que geram a multiplicidade das práticas, que envolve experiências do passado e do presente. O programa de pesquisa de Lahire se baseia no pressuposto científico de que o social se fortalece quando é captado na escala individual. As variações individuais podem ser um objeto específico da sociologia porque as realidades individuais estudadas são sociais, uma vez que são socialmente produzidas. Elas têm origens e lógicas sociais.

O ator pode ter motivações individuais para agir. As práticas jornalísticas por ele ativadas para querer resolver um problema, entretanto, resultam em ações que vão interferir na comunidade e no próprio campo do jornalismo, quando toma para si a responsabilidade de noticiar fatos sem se submeter aos filtros impostos pelas empresas de comunicação. Em função da complexidade das disposições, o pesquisador tem que fazer o entrecruzamento das influências para que possa buscar as origens das variações que quer identificar e entender como se realizam inconscientemente para, em nosso caso, estimular o cidadão a realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

A teoria disposicionalista envolve as noções de disposição, inclinação, propensão, hábito, tendência e pluralidade das disposições incorporadas. Está dentro de uma grande tradição teórica que é a das teorias da ação. Nas teorias disposicionalistas, existem dois grupos. Em um deles, são enfatizados os princípios unificadores e homogêneos, que colocam um peso grande no passado e não valorizam características singulares do indivíduo e o contexto imediato da ação. No outro, é dada relevância à fragmentação interna das experiências, sem delegar tanta importância ao passado, como o grupo anterior. Entendemos que nem o primeiro nem o segundo grupo das teorias da ação e do ator poderiam dar conta do fenômeno que buscamos compreender.

Lahire é o autor que trouxe maior contribuição à pesquisa porque defende o estudo sobre as diversas formas de reflexão que agem nos diferentes tipos de ação. Ou seja, defende uma sociologia da pluralidade por meio da qual o pesquisador pode

reconstruir o universo social do indivíduo que analisa. Em nosso caso, a ator que aciona os esquemas disposicionais para realizar o jogo do agir ativamente no jornalismo.

O que é um esquema disposicional a partir dessa teoria? É o conjunto complexo, individual e intransferível de tendências (disposições) para pensar, sentir e agir que resulta de experiências individuais e, portanto, sociais, vividas por cada ator ao longo de sua trajetória. Esse esquema é desenvolvido no interior do cidadão de forma não consciente. Ele é, ao mesmo tempo, plural e singular. É plural porque decorre dos múltiplos processos de socialização e é singular porque são introjetados e manifestados a partir de esquemas disposicionais individuais, construídos inconscientemente ao longo das trajetórias de vida de cada ator. Esse esquema também é flexível ao se adaptar às situações porque sofre influência do contexto e das relações entre os atores. O momento presente pode atualizar ou não esse esquema.

À medida que o indivíduo vive cada experiência, vai ativando uma disposição ou outra, a mais adequada ao que ele necessita para agir. Existem, contudo, motivações que fazem o ator acionar esse esquema. Em sua pesquisa, Borges (2015) identificou como esse esquema é construído e ativado pelo repórter-amador no Recife. Partiu do pressuposto que a disposição para agir ativamente no jornalismo está vinculada à capacidade de mobilizar determinadas competências para querer: 1) se expressar, 2) buscar informação mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade, 3) resolver problemas coletivos, 4) mobilizar o outro, 5) dialogar com jornalistas e veículos de comunicação, 6) acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa e 7) encontrar alternativas próprias de comunicação. É o que pretendemos verificar também na pesquisa sobre o repórter-amador do Agreste.

Para compreender como o cidadão comum constrói o esquema disposicional que o leva a querer ser repórter-amador, vamos mostrar a metodologia que será aplicada nesta pesquisa. Partimos do pressuposto de que são determinadas disposições sociais que levam o cidadão a desempenhar o papel de repórter-amador, como Borges (2015) verificou em seu trabalho. Por isso, para responder à pergunta central da pesquisa, elegemos um percurso novo que nos permitiu fazer um estudo diferente acerca do mundo desse ator que vai além da comunicação. Tomaremos como referência a metodologia utilizada por Lahire. Estamos utilizando uma estratégia metodológica para analisar, de um ângulo diferente, o universo do indivíduo que se sente motivado a realizar práticas jornalísticas de forma voluntária.

Como podemos conhecer as disposições que funcionam como motivadas dos esquemas disposicionais de cada indivíduo? Os esquemas disposicionalistas nunca são mostrados de forma direta, só nos são revelados a partir da interpretação de múltiplos traços de uma realidade reconstruída por meio da qual se encontram as origens das variações disposicionais que contribuem para o surgimento de novas ações.

O pesquisador tem acesso aos esquemas disposicionais processados inconscientemente pelo ator por meio de observação direta, consulta de documentos, entrevistas ou questionários. Nesta pesquisa, faremos esse percurso aplicando, após a identificação dos cidadãos que são repórteres-amadores, questionários com entrevistas simples para os atores que moram em Caruaru. Com base nas respostas, faremos um quadro socioeconômico deles. Na segunda fase, realizaremos entrevistas em profundidade e de forma sucessiva com cada cidadão.

ANÁLISE: AS PRIMEIRAS PISTAS PARA O AGIR ATIVAMENTE

O questionário da primeira fase da pesquisa foi extenso, apresentou 123 perguntas, para que pudéssemos fazer uma incursão exploratória. Essa radiografia contextual nos mostrou como algumas disposições se transformam em ações sob determinadas circunstâncias. Fizemos um estudo descritivo para descobrir algumas características do fenômeno observado. Trazemos aqui os pontos que se revelaram importantes para que identificássemos traços em comum. O objetivo inicial foi descobrir características gerais dos nove indivíduos analisados nessa primeira fase, antes de selecionar aqueles que passaram para a fase seguinte, a dos perfis sociológicos.

O grupo era formado majoritariamente por indivíduos do sexo masculino (66,7%). 33,3% são mulheres. Os participantes da entrevista têm idades entre 19 e 43 anos. Três deles nasceram em Caruaru, os demais são de Bezerros, Belo Jardim, São Joaquim do Monte, Toritama, Limoeiro e Recife. Em relação ao mundo da família, a maioria do grupo é solteira (55,6%). 33,3% são casados e 11,1% declararam que vivem em união estável. Em relação ao mundo da comunidade, por um lado, apenas 33,3% participam de alguma associação ou outro tipo de entidade ligada ao bairro onde moram ou ao campo no qual atuam, já, por outro, 55,6% realizam trabalho voluntário. O que nos indica uma disposição para ajudar o outro.

Entre os integrantes do grupo, 44,4 % têm trabalho formal com carteira assinada, 22% atuam de forma autônoma e os demais vivem de mesada, bolsa de estágio ou renda

do cônjuge. Todos declararam que recebem entre um e três salários mínimos. O valor do salário mínimo em 2017, ano de aplicação do questionário, é de R\$ 937,00. Quando indagamos sobre a renda da família, 66,7% disseram que a renda permanece entre um e três salários mínimos, 22,3% afirmaram que a renda fica entre três e seis salários mínimos e 11,1% disseram que a renda passa a casa dos seis salários mínimos.

Do total do grupo, a maioria (77,8%) mora em casa alugada, só uma pequena parcela (22,2%) vive em casa própria. Como eles declaram suas profissões? Um se considera jornalista, mesmo sem ter curso de graduação na área, três são servidores públicos, três estudantes, um historiador e um se intitula blogueiro.

Em relação ao mundo da educação, a maioria já iniciou algum curso superior, mas ainda não concluiu. 66,7% estão nesse quadro. Já 22,2 % terminaram a graduação e 11,1% ainda estão no ensino médio. Todos afirmaram que a formação educacional está, de alguma forma, vinculada à atividade profissional que exercem. Sobre a religião, 77,8% afirmaram que têm uma crença. Eles estão assim divididos: 44,4% católicos, 33,3% protestantes e 11,1% espíritas.

Em termos de atuação política, apenas 11,1 % disseram que integraram diretórios ou centros acadêmicos em colégio ou universidade, a grande maioria não teve essa postura (88,9%). Isso se reflete na resposta sobre a filiação partidária. Só 22,2% estão ligados formalmente a alguma legenda política. A maioria, inclusive, não vota considerando o partido do candidato: 55,6%. Do grupo, 11,1% avaliam “às vezes”, 11,1% “frequentemente” e apenas 22,2% “sempre” consideram a legenda do candidato quando vão votar nas eleições. Sinalizando que a ideologia partidária não pesa na escolha do candidato, 44,44% votam “sempre” pela identificação pessoal com o político, 22,2% “frequentemente”, 11,1% “às vezes” e 22,2% “nunca”. Quando a pergunta relacionou o voto às propostas dos candidatos, 77,8% declararam que “sempre” votam com base nessa vinculação. Apesar disso, apenas 44,4% cobram as promessas dos candidatos após as eleições.

Na parte da busca por informações, todos acessam a internet de casa, do trabalho e do celular. 89,9% ficam conectados por mais de três horas diariamente. Quando indagados sobre a busca por notícias por sites ou espaços nas redes sociais vinculados a empresas ou jornalistas, 44,4% afirmaram que “sempre” recorrem a estas fontes de informação. 33,3% fazem isso “frequentemente” e 22,2% não souberam responder.

Isso indica que o repórter-amador do Agreste consome informação da chamada grande imprensa. 66,6%, inclusive, procuram nos sites das empresas midiáticas matérias já veiculadas em jornais, revistas, televisões, rádios e mídias digitais. Só 11,1% disseram que não fazem isso. 44,4% enviam imagens e textos para serem publicados ou subsidiarem matérias jornalísticas dos veículos de comunicação. 66,7%, inclusive, colaboram com mais de um veículo. Eles justificam que tomam essa atitude para: 1) interagirem com os jornalistas, 2) integrarem-se aos veículos e 3) influenciarem as pautas da grande imprensa. 77,8% dos entrevistados, o que corresponde a sete cidadãos, revelaram que gostariam de exercer a profissão de jornalista ou outra ligada ao campo da comunicação.

Em relação às redes sociais, as mais acessadas para buscar informações são Facebook (55,5%), Instagram (44,4%) e Twitter (33,3%). 88% do grupo procuram blogs para obter informações, independentemente de serem ou não escritos por jornalistas. Mesmo percentual de entrevistados têm o hábito de assistir os vídeos do Youtube para se manter informados. Todos os entrevistados têm alguma plataforma para criar notícia, seja blog, Youtube ou redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter. O perfil geral de nosso grupo, identificado aqui, mas que será aprofundado na segunda fase da pesquisa, sinaliza que há disposições sociais que os motivam a agir ativamente no jornalismo, quando consomem informação pela mídia tradicional ou não, interagem com a imprensa e adotam práticas jornalísticas ao criarem espaços para produzir notícia.

66,7% do grupo, ou seja, seis dos nove entrevistados, ganham dinheiro com essa atividade. A pesquisa sobre o perfil do repórter-amador do Agreste, que vai analisar as motivações dele em ter essa disposição, está dando um passo à frente na de Borges (2015) sobre o repórter-amador em Recife. Na capital pernambucana, o cidadão que produzia notícia fazia isso exclusivamente em seu tempo livre. No Agreste, ele está realizando essa ação também no tempo destinado ao trabalho.

Só na segunda fase da pesquisa (já em andamento), contudo, esse ponto será aprofundado. Por enquanto, ele aparece como forte indício de que está ocorrendo uma “profissionalização” do repórter-amador que produz notícia na internet, sem precisar de formação acadêmica especializada na área da comunicação ou do jornalismo. No questionário exploratório, eles ganham dinheiro produzindo notícias por meio de parceria com troca da informação por serviço, trabalhando remuneradamente para um blog ou redes sociais e recebendo patrocínio com a exibição da marca do anunciante. A

remuneração é conquistada por eles com mais de uma modalidade de trabalho das citadas acima. Eles também afirmaram que recebem por matéria paga para ser exibida nos seus blogs ou redes sociais e por monetização via Google.

Nessa primeira fase, o ator falou sobre o que pensa e o que faz a partir de um questionário geral, ou seja, de forma mais superficial, já que foi o primeiro contato que tivemos com os membros do grupo. Só na fase seguinte, quando nos encontrarmos mais três vezes com eles, as respostas serão mais detalhadas. Afinal, teremos oportunidade de nos aproximar e perceber as variações inter e intraindividuais de cada ator. O diálogo se tornará mais espontâneo e natural.

Outro dado importante para avaliar as práticas do cidadão comum no jornalismo foi o fato de, nessa primeira fase, parte expressiva dos entrevistados ter afirmado que interage com mais de um veículo de comunicação. A forte disposição para agir ativamente foi expressa ainda pela vontade que sete indivíduos afirmaram ter: o sonho de estudar jornalismo para exercer essa atividade de forma profissional. Essa vontade está ligada à busca pela competência para participar do processo de produção da notícia.

Os integrantes do grupo que revelaram o sonho de estudar para ser jornalista vincularam essa vontade ao gosto pela leitura e pela escrita e ao desejo de informar os outros atores sobre os problemas das comunidades em que viviam. Observaremos, na segunda fase, se esses repórteres-amadores conectaram o exercício do jornalismo às disposições para as ações políticas, sociais, religiosas e culturais, como Borges (2015) registrou em sua pesquisa.

CONCLUSÃO

Apesar de nosso *corpus* ser pequeno, lastreado em nove entrevistas, o que traz limitação para generalizações, os dados coletados na primeira fase nos permitem identificar algumas características gerais do grupo. Elas irão contribuir para subsidiar a análise mais profunda da fase seguinte, mesmo porque o objetivo principal desta pesquisa é aproximar o foco dos universos dos indivíduos que acionam esquemas disposicionais para agir ativamente no jornalismo, observando as variações inter e intraindividuais dos cidadãos que serão retratados sociologicamente na segunda parte da análise. Inicialmente, na segunda fase, iremos fazer perfis sociológicos de três repórteres-amadores, um de cada cidade observada: Caruaru, Bezerros e Toritama.

As informações do mapeamento geral jogam luz em nosso trabalho, indicando as disposições deflagradas inconscientemente por esses atores ao longo dos processos de socialização, que foram ativadas pelo contexto e pelas relações mantidas entre eles ao longo da vida. O perfil majoritário dos cidadãos entrevistados é de homens, solteiros, jovens, nascidos e moradores de Caruaru e cidades próximas. A maioria tem trabalho formal e possui renda individual de até três salários mínimos, mesmo quando se calcula a renda de todas as pessoas que moram na mesma residência. Mora em casa alugada, e tem nível superior incompleto, mas afirma que a formação educacional é compatível com o exercício profissional. Há uma grande dispersão na atividade profissional, mas temos mais casos de pessoas que se identificam como servidor público e estudante. Um dos entrevistado se considera jornalista, mesmo sem ter a formação especializada.

Todos os entrevistados nessa primeira fase expressaram ter necessidade de se manter informados, procurando mídias tradicionais e espaços da internet. Com relação ao uso da grande rede, todos passavam mais de três horas por dia navegando. A maioria consultava sites de veículos de comunicação e espaços nas redes sociais, sem se restringir aos que eram produzidos exclusivamente por jornalistas. Todos têm plataforma própria pra produzir notícia à revelia dos veículos de comunicação. A maioria ganha dinheiro com esse espaço e gostaria de ser reconhecida como jornalista.

As características predominantes dos indivíduos entrevistados podem ser resumidas no quadro geral da primeira etapa da análise, mostrado a seguir.

Quadro 1

As características gerais da maioria dos indivíduos da 1ª fase da pesquisa empírica
Homem;
Solteiro;
Nasceu e mora em Caruaru;
Mora com a família em casa alugada;
Tem idade até 30 anos;
Entrou na universidade, mas não tinha concluído até a realização da pesquisa;
Trabalha em emprego formal;
Ganha até três salários mínimos;
A renda familiar é de até três salários mínimos;
Ler notícias com regularidade;
Procura as mídias tradicionais;
Passa mais de três horas diárias na internet;
Consulta sites de veículos de comunicação e redes sociais;
Acessa a internet pelo celular de casa ou do trabalho;
Não participa de entidade comunitária;
É católico ou protestante;
Não vota pelo partido, mas pela identificação pessoal com o candidato;

Ganha dinheiro com o espaço (blog ou rede social) que criou para produzir notícia;
Gostaria de ser jornalista.

FONTE: Elaboração própria

Com base nesses dados, podemos afirmar que há uma relação significativa entre o indivíduo que busca informação nos veículos de comunicação e a disposição de querer agir como repórter-amador, como mostram as características dos cidadãos comuns estudados conforme o quadro a seguir.

Quadro 2

Características dos indivíduos que agem ativamente
Quer se expressar;
Buscar informação mesmo que isso envolva algum grau de dificuldade;
Resolver problemas coletivos;
Mobilizar o outro;
Dialogar com jornalistas e veículos de comunicação;
Acompanhar as notícias que são divulgadas pela grande imprensa;
Encontrar alternativas próprias de comunicação.

FONTE: Elaboração própria

Do ponto de vista do campo da comunicação, é importante pesquisar as disposições sociais dos repórteres-amadores do Agreste, pois são eles que fazem o contraponto da informação, produzida, editada e publicada pelos veículos da chamada grande imprensa, que atuam na região e são controladas por fortes grupos empresariais e políticos. As ferramentas surgidas com a internet, no entanto, criaram facilidades de comunicação para o cidadão que não quer ficar refém da mídia tradicional para consumir e produzir conteúdo.

Os municípios do Agreste estudados têm ganhado a cada dia um maior número de cidadãos que não se contenta mais em desempenhar o papel de audiência passiva. Quer assumir a condição de protagonista. Pode-se afirmar que o tipo de pesquisa proposto aqui conta, no campo da comunicação, com uma iniciativa importante e rara, e que colabora com uma tendência, surgida na contemporaneidade, em se firmar diálogos cada vez mais aprofundados entre os campos das ciências sociais. Neste caso, da comunicação, mais especificamente, um entrecruzamento dos campos do jornalismo e da sociologia.

Com o apoio do Observatório da Vida-Agreste, esta pesquisa tem como objetivo principal identificar as disposições que levam o cidadão a querer desempenhar o papel

de repórter-amador. Ela pode contribuir para se compreender as motivações sociais que fazem esse indivíduo sair da sua zona de conforto como audiência, que só recebe a informação, diante das dificuldades vividas no cotidiano das cidades do Agreste.

O resultado da primeira fase já está sendo compartilhado com outros pesquisadores por meio de artigos, como este, e eventos acadêmicos. A conclusão final, após a segunda fase que está em curso, será publicada em artigos acadêmicos e livro, editado nas versões impressão e digital, que trarão o material coletado na pesquisa de campo. Isso vai auxiliar os estudos do campo da comunicação. Ela também pode lastrear a elaboração de políticas públicas que apoiem esses indivíduos mais ativos e estimulem outros a participar desse processo autoral de produção de conteúdo comunicacional e de participação cidadã, o que vai impactar no desenvolvimento regional e local ao incentivar o compartilhamento de informações públicas e ao dar mais espaço à pluralidade de vozes.

REFERÊNCIAS

- BORGES, S. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Recife: Editora Cepe, 2015.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CASTILHO, C. **Notícia e Interatividade social**. 2004. In **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/noticia-e-interatividade-social>.
Último acesso em: outubro de 2017.
- LAHIRE, B. **O homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAHIRE, B. **Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação**. In: JUNQUEIRA, L.(org). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 17-36.
- MIRANDA, J. M. G. de M. **El periodismo em el siglo XXI: una profesión em crisis ante la digitalización**. Madrid: Editorial Dykinson, SL, 2008.
- MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- SBARAI, R. S. A. **Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital?** IN: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). **Comunicação, tecnologia e cultura de rede**. São Paulo: Momento Editorial, 2011, p. 12-39. Disponível em: <http://www.livroteccred.blogspot.com> > Último acesso em: outubro de 2017.
- SHIRKY, C. **Here Comes Everybody : How Digital Networks Transform Our Ability to Gather and Cooperate**. New York: Penguin Press, 2008.